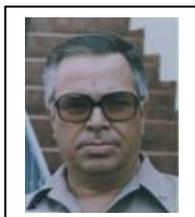


<p style="text-align: center;"><b>FAHIMTB</b></p>  <p style="text-align: center;">AHIMTB/RS</p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
<p><b>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)</b></p> <p><b>- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</b></p>		
<p><b>520 ANOS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA</b></p>		
<p><b>Ano 2012</b></p>	<p><b>AGOSTO</b></p>	<p><b>Nº 26</b></p>



## O CENTENÁRIO DA REVISTA DOS MILITARES EM JULHO DE 2010

Cel Cláudio Moreira Bento - Presidente da FAHIMTB/AHIMTB/Resende e IHTRGS

Em julho de 1910 surgiu em Porto Alegre, na 3ª Região Militar, o nº 1 da **Revista dos Militares**, com o apoio de seu comandante, o General Manoel Joaquim Godolphim e coordenada pelo seu assessor, o Major Luiz Acácio Leyraud, atendendo sugestão do Aspirante a Oficial pela Escola de Guerra de Porto Alegre Francisco de Paula Cidade, cuja vida e obra resgatamos em artigo *'Paula Cidade - um soldado a serviço do Exército'* na **Revista A Defesa Nacional**, nº 709, set/out 1983, p.13/55, como nossa oração de posse na cadeira de qual Paula Cidade é o patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) quando nele fomos recebidos pelo General Jonas de Moraes Correia Filho, patrono de cadeira da FAHIMTB.

O primeiro número trazia em pé de página estas frases:

*"Como é público, em breve teremos instrutores estrangeiros. Parece-nos ser este o momento para chamarmos a atenção dos camaradas para as cogitações técnicas de suas respectivas armas afim de não fazermos péssima figura perante os estrangeiros..."*

Detalhes e circunstâncias da criação da **Revista dos Militares** foram abordados por seu idealizador, Paula Cidade, em sua **Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira** (p. 334-334), em que em certa altura escreveu:

*"Isso olhado hoje, de tão longe, tem um significado de maior importância para caracterizar a época: Havia filósofos e poetas no Exército, mas era difícil encontrar colaboradores para uma revista técnico-profissional..."*

E prossegue:

*"A Revista dos Militares durou muitos anos e prestou grandes serviços ao Exército; ela acompanhou a evolução de nossas Forças Armadas durante a fase preparatória que antecedeu o contrato da Missão Militar Francesa, em 1920, que havia de acelerar as transformações em nosso Exército, tanto na concepção da guerra, como nos métodos de conduzi-la racionalmente."*

O Ten Paula Cidade, face ao quadro desolador de oficiais nos corpos da 3ª Região Militar do interior do Rio Grande do Sul, enviou memorial ao presidente da **Liga de Defesa Nacional**, Olavo Bilac, para que obtivesse lei do Congresso que levasse espontaneamente oficiais para os corpos do interior, o que seria obtido se a arregimentação por dois anos se tornasse obrigatória como requisito para

promoção. Os oficiais do 10º Regimento de Infantaria e da 11ª Companhia de Metralhadoras Pesadas de Porto Alegre solidarizaram-se, e também o Capitão Bertoldo Klinger em São Gabriel.

Paula Cidade foi punido, mas a sua ideia foi adotada mais tarde pelo Ministro da Guerra General Eurico Gaspar Dutra, que impôs arregimentação, deixando em consequência, mais ou menos completos, os efetivos das unidades do Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás para desenvolverem racionalmente a Instrução Militar.

**A Revista dos Militares** encerrou suas atividades em 1921, ao cumprir sua missão de preparar o ambiente para a Missão Militar Francesa. Ela é pouco conhecida no Exército hoje.

Outro costume arraigado na área da 3ª RM, segundo Paula Cidade, e que prejudicava a Instrução Tática das unidades era o desvio de efetivos da Infantaria, em Porto Alegre, e de Cavalaria, no interior, para dar serviço de sentinela em repartições fazendárias.

Paula Cidade, tendo escrito ao Ministro da Fazenda Pandiá Calógeras, e aproveitando as relações entre ambos como historiadores, sugeriu, e Calógeras aceitou, que aquelas missões ficassem a cargo de seu próprio Ministério. E foi o que aconteceu, não sem reação!

Foi mais uma medida para alavancar a profissionalização do Exército pressionada por jovens oficiais egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre (no hoje Casarão da Várzea) imbuídos do ideal reformista militar do Exército. Passaram a ser ridicularizados com a alcunha de "**jovens turcos**", analogia com reformadores na Turquia. Em contrapartida, seus antagonistas passaram a ser chamados "**parelhas tronco**" retardadoras do movimento, por fazerem a retranca na tração da Artilharia. Assim, das turmas egressas em 1909 e 1910 da Escola de Guerra, tomaram espontaneamente o rumo da tropa, com exceções pouco numerosas. E tomaram a seguinte resolução:

*"Não admitiremos não servir na tropa. Sabemos de oficiais que percorreram vitoriosamente toda a escala hierárquica, sem nunca terem tomado parte numa formatura, e sem terem dado um tiro de fuzil ou mesmo sem jamais terem penetrado num quartel a serviço."*

E como assinala Paula Cidade em **Síntese de três séculos...**:

*"A nova diretriz da juventude egressa da Escola de Guerra de Porto Alegre, foi uma verdadeira revolução branca. Ela teve importantes e benéficas consequências para a evolução do Exército. Os aspirantes a oficial chegavam a tropa dispostos a fazer tudo ao seu alcance para criar no Exército, o que já existia nos exércitos dos outros países, ou o que haviam tomado conhecimento por livros e revistas militares de outros países mais desenvolvidos. Mentalidade consentânea às novas necessidades da **Defesa Nacional**."*

A 3ª Região Militar pode e deve se orgulhar de que todo este relevante processo teve lugar sob sua jurisdição e transferiu-se para todo o Exército, através dos aspirantes egressos da efêmera Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-1911), mas relevante na profissionalização militar.

O instrutor desde então passou a ser valorizado na tropa e nas escolas. Era o fim do reinado do oficial prático, conhecedor da legislação burocrática e disciplinar que caracterizava os quartéis. A prioridade agora era do profissional militar versado em Arte da Guerra e Ciência Militar. E tudo isso teve início na 3ª Região Militar.

Oficiais egressos da Escola de Guerra Porto Alegre foram, em maioria, tirar cursos no Exército Alemão em 1910-12, e quatro naturais da área da 3ª Região Militar figuram entre os 13 Jovens Turcos que fundariam a Revista **A Defesa Nacional**, cujo centenário se comemora em 1913. Mas este assunto retomaremos no ano que vem.

**Nota:** a Polícia Militar de São Paulo, em 1910, já possuía uma Missão Militar Francesa e a de nosso Exército só foi contratada em 1920, menos para atuar na Escola do Realengo, missão que foi desempenhada por três anos pela Missão Indígena, constituída por oficiais do Exército aprovados em concurso pelo EME.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
Presidente da AHIMTB/RS – Vice-presidente do IHTRGS  
lecaminha@gmail.com

---

<sup>1</sup> Em 1906, 1908, e 1910 a convite do Imperador alemão Guilherme II, contando com o apoio do Barão do Rio Branco e, do então, ministro da Guerra, e posterior presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca foram enviadas turmas de oficiais brasileiros à Alemanha com o objetivo de modernizar as forças armadas nacionais, em função do atraso do Exército e a preocupação de nossa diplomacia com a soberania do país.